

Capítulo 3

O adjetivo de um ponto de vista lingüístico

3.1- O adjetivo na tradição gramatical¹⁸

Segundo a tradição gramatical, o adjetivo pode manter dois tipos de relação com o substantivo¹⁹: relação atributiva e relação predicativa. Quando em relação atributiva, o adjetivo é dito *atributo* ou *adjunto atributivo*; quando em relação predicativa, é denominado *predicado*²⁰ ou *adjunto predicativo*. O adjetivo é atributo do substantivo se a ele se liga diretamente, ou seja, se o substantivo e o adjetivo se encontram em um mesmo termo. O adjetivo é predicado do substantivo se a ele se prende por meio do verbo de ligação²¹, isto é, o adjetivo em posição de predicado nominal e o substantivo em posição de sujeito:

- (a) O leão é *feroz*. (predicado)
- (b) O leão *feroz* fugiu. (atributo)

Nos compêndios de gramática de Carlos Pereira (1909) e João Ribeiro (1926), por exemplo, o adjetivo é considerado um *modificador* do substantivo. O adjetivo pode modificar o substantivo de duas formas diferentes: "o adjetivo qualificativo modifica a compreensão do substantivo e o determinativo, a extensão do substantivo" (Pereira, 1909: 61).

Fallece-nos meios intellectuaes para apprehendermos directamente o substratum ou a substancia dos seres, e só os conhecemos pelas suas qualidades ou attributos phenomenaes. Póde, pois, o substantivo ser concebido como a synthese das qualidades sensíveis que determinam a sua compreensão (Pereira, 1916:357).

¹⁸ Fazem parte da "tradição gramatical" os estudos que aparecem nas gramáticas escolares, principalmente, até o advento da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Incluem-se neste caso gramáticos como, Eduardo Carlos Pereira, Carlos Góis, Souza da Silveira, João Ribeiro, Said Ali, dentre outros.

¹⁹ Neste capítulo, em particular, optou-se por manter o termo *substantivo*, em consonância com o uso mais freqüente nos compêndios de gramática tradicional.

²⁰ A NGB mantém a distinção entre atributo e predicado, mudando, no entanto, a terminologia: o atributo passa a ser adjetivo *adjunto adnominal* e o predicado passa a ser adjetivo *predicativo*.

²¹ A expressão *verbo de ligação* foi mantida, por ter sido empregada pelos autores citados nesta seção. No âmbito da tese, emprega-se o termo *cópula*, seguindo a teoria lingüística adotada.

Assim, a "compreensão" de um substantivo seria o conjunto das qualidades sensíveis que faz com que um indivíduo possa ser designado por ele. Por exemplo, o conjunto de qualidades que um "leão" tem de apresentar para ser "leão". A extensão de um substantivo seria o conjunto de indivíduos que este substantivo nomeia — no caso de "leão", seria o conjunto de leões. Os adjetivos *qualificativos* acrescentam qualidades às compreensões dos substantivos que modificam (por exemplo, "feroz", "peludo", "ligeiro", etc., aplicadas ao substantivo "leão"). Os adjetivos *determinativos* delimitam áreas na extensão dos substantivos — por exemplo, "este", "aquele", "dois", "vários", etc., aplicados ao substantivo "leão".

Cumpra notar que não há consenso por parte dos gramáticos no que se refere à identidade da categoria adjetival. Carneiro Ribeiro define adjetivo como: "palavras que indicam seres indeterminados, designando-os por uma idéia accidental à natureza comum, indicada pelo apelativo" (Carneiro Ribeiro, 1890:322). Desse modo, o apelativo (nome comum) nos daria a "essência", a "substância", a "idéia geral" que faz com que todos os seres que possuam uma natureza comum possam ser designados pela mesma palavra (que faz com que todas as flores sejam "flor"). O adjetivo designaria seres, não por essa "essência", mas por "idéias" accidentais a ela. O adjetivo, então, é encarado como um *designador* e se aproxima do substantivo. Gramáticos como Eduardo Carlos Pereira, no entanto, preferem encarar o adjetivo como um *modificador*, como se viu acima, aproximando-o do verbo.

A estreita relação entre substantivo e adjetivo é especialmente tratada por Santos (1907), ao distinguir os adjetivos em *explicativos* ou *restritivos*. Afirma o autor:

Explicativo é o adjectivo que exprime qualidade por natureza já possuída pelo substantivo: *pedra dura; água molle*.

Restritivo é o adjectivo que exprime qualidade que o substantivo não possui por natureza: *pão duro, fructa molle*.

Como se vê, o adjectivo só pode ser classificado de accôrdo com o substantivo. (*op. cit.*, p. 32-33)

O que reter da tradição gramatical? Sob a definição genérica de *palavra que modifica ou qualifica as entidades nomeadas pelo substantivo*, itens lexicais com comportamentos sintáticos e semânticos distintos podem ser incluídos na classe dos adjetivos. Do ponto de vista descritivo, destaca-se a existência de duas funções sintaticamente relevantes: a função atribuidora e a predicativa. A literatura sobre adjetivos registra tentativas para a caracterização dessa categoria, ora de natureza semântica ora de natureza sintática. É o que se apresenta a seguir.

3.2 - Critérios para a caracterização da categoria *adjetivo*

Tradicionalmente nas línguas indo-européias, o adjetivo é distintivamente considerado como uma categoria lexical, ainda que as definições tradicionais sejam inadequadas para caracterizar os conjuntos que a representam. Em linhas gerais, viu-se que o adjetivo é um *modificador* do substantivo, mas, como reconhece Lyons (1977), “there are [...] some adjectives for which this statement is not valid; and there are other [...] adjectives for which its validity is questionable”.

Nas línguas românicas, os adjetivos se aproximam mais dos substantivos do que no inglês, por exemplo, principalmente por seguirem o mesmo padrão flexional dos substantivos (*carro novo*; *roupa nova*, *dente grande*)²².

Said Ali (1964: 54) considera *nome* as “palavras com que se designam os seres e seus atributos”, subclassificando entre eles os adjetivos como *denominadores de atributos*. Os compêndios de gramática do português, tais como Nunes (1960) e Said Ali (*op.cit.*), abordam a classe dos *nomes* apenas sob o

²² Como já introduzido nesta tese, uma questão relevante a respeito da dificuldade em se caracterizar claramente as formas nominal e adjetival remete ao fato de que, em português, estas flexionam de maneira muito semelhante, não havendo morfemas especializados para legitimar traços semânticos que permitam delimitar uma e outra classe (como em *amigo rico*; *amiga rica*; *comerciantes brasileiros*; *vendedores japoneses*). Este assunto não será desenvolvido no âmbito desta tese. Para um tratamento mais específico sobre *morfologia flexional vs morfologia lexical*, ver Botelho (2004).

ponto de vista das categorias²³ gramaticais que lhe são próprias, tais como número, gênero e gradação.

Câmara Jr. (1988:79) justifica uma divisão das palavras em nomes, verbos e pronomes, pelo que chama de critério morfo-semântico:

Nome	–	Substantivo (termo determinado)
		Adjetivo (termo determinante de outro nome)
		Advérbio (termo determinante de um verbo)
Verbo		
Pronome	–	Substantivo (termo determinado)
		Adjetivo (termo determinante de outro nome)
		Advérbio (termo determinante de um verbo)

Entre os nomes, encontram-se os adjetivos, que se diferenciam dos substantivos e dos advérbios por serem “termos determinantes do nome”. Nesse ponto, o autor reconhece a dependência essencial do adjetivo com relação ao substantivo determinado, utilizando um critério funcional. As tentativas de caracterização da classe dos adjetivos foram divididas abaixo entre as que utilizam um critério primariamente semântico e as que utilizam um critério primariamente sintático²⁴.

3.2.1- O critério semântico

A classe dos adjetivos é abordada nas gramáticas tradicionais do português com diferentes graus de profundidade.

Rocha Lima (1992:96) caracteriza o adjetivo tão somente como “a palavra que restringe a significação ampla e geral do substantivo”.

²³ Nos trabalhos sobre sintaxe, *categoria* designa os constituintes de uma expressão lingüística, sendo comumente empregado no sentido de *classe*. Nos trabalhos sobre morfologia, o termo *categoria* costuma ser usado como um conjunto de propriedades que se associa a determinada parte do discurso, como pessoa, tempo, modo, gênero, número, etc. (cf. Rosa, 2000).

²⁴ Embora a interligação entre esses dois critérios seja de grande interesse lingüístico, possivelmente por uma relação em que o aspecto semântico seja a causa do comportamento sintático, essa discussão não será desenvolvida. Recomenda-se o texto de Lyons (1977) para o leitor interessado.

Celso Cunha (1980:251) define *adjetivo* como:

(...) a espécie de palavra que serve para caracterizar os seres ou os objetos nomeados pelos substantivos, indicando-lhes:

- a) uma qualidade ou um defeito: moça *gentil*, homem *perverso*;
- b) o modo de ser: pessoa *hábil*;
- c) o aspecto ou aparência: jardim *florido*;
- d) o estado: criança *enferma*.

Para Cunha & Cintra (1985), há dois tipos de adjetivos: o primeiro modifica o substantivo para caracterizar os seres, os objetos ou as noções por ele nomeadas, indicando-lhes uma qualidade, modo de ser, aspecto ou aparência ou um estado; o segundo tipo de adjetivo modifica o substantivo para estabelecer com este uma relação de tempo, espaço, matéria, finalidade, propriedade, procedência, etc. Denominados de *adjetivos de relação*, são de natureza classificatória, ou seja, tornam preciso o conceito expresso pelo substantivo, restringindo-lhe a extensão do significado.

Bechara (1999) apresenta uma análise bem mais detalhada das funções do adjetivo, definido como

(...) a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado. (*op. cit.*, p.142)

A palavra-chave da definição de Bechara é “delimitação”, que apresenta as seguintes modalidades: explicação (“o *vasto oceano*”); especialização (“o homem como sujeito *pensante*”); especificação (“castelo *medieval*”); identificação (“língua *materna*”). Apesar da preocupação com distinções semânticas importantes, a análise das funções dos adjetivos proposta por Bechara é de difícil emprego, já que os critérios utilizados são de extrema subjetividade e de formulação imprecisa.

3.2.2- O critério sintático-funcional

No português, todos os adjetivos obedecem a concordância de gênero e número com o sintagma que complementa ou modifica:

(1) *Meninas são amorosas.*

(2) *Meninos são inquietos.*

Além dessa forte característica sintática, podem-se arrolar as seguintes propriedades dos adjetivos, de acordo com Huddleston (2000):

(i) Os adjetivos ocorrem como núcleo em sintagmas que funcionam como complemento predicativo em uma oração (uso predicativo). Podem ser predicativos do sujeito, como em

(3) *Maria é bonita.*

ou predicativos do objeto, como em

(4) *João acha Maria bonita.*

(ii) Os adjetivos ocorrem como núcleo em sintagmas que funcionam como modificadores de sintagmas nominais (uso atributivo ou adnominal), como em

(5) *A menina amorosa*

(6) *O menino inquieto*

A posição primária do adjetivo atributivo é pós-nominal, embora algumas vezes possa ocorrer em posição pré-nominal:

(7) *A amorosa menina*

Algumas vezes, a anteposição do adjetivo acarreta alterações semânticas sensíveis, como revela o contraste entre

(8) *Meu amigo velho*

(9) *Meu velho amigo*

(iii) Os adjetivos podem sofrer gradação, seja através de intensificadores (como advérbios de intensidade), seja através dos graus comparativo e superlativo, seja através de formas no diminutivo e aumentativo. De modo geral, em português, o grau comparativo é obtido pelo uso dos modificadores MAIS (superioridade), MENOS (inferioridade) e TÃO (igualdade):

(10) *Maria é mais bonita hoje em dia.*

(11) *Maria era menos bonita na adolescência.*

(12) *Maria é tão bonita hoje quanto na juventude.*

O superlativo pode se realizar por meio da anteposição do artigo definido às formas do comparativo de superioridade/inferioridade ou pela adição ao radical do adjetivo do morfema *-íssimo(a)*:

(13) *Maria é a mais dedicada da turma.*

(14) *Pedro é o menos alto do time.*

(11) *Maria é dedicadíssima.*

Nem todos os adjetivos ocorrem livremente nos contextos descritos em (i), (ii) e (iii) acima. As propriedades descritas em (i) e (iii), por exemplo, não se aplicam a adjetivos denominais, como será discutido mais adiante, em Basílio, Oliveira & Garrão (2003).

Raskin & Nirenburg (1995) consideram que a questão central que distingue os adjetivos entre si, de importância tanto sintática quanto semântica, é a diferença entre adjetivos predicadores e não-predicadores. A denominação utilizada é *adjetivo qualitativo* para o primeiro caso e *adjetivo relacional* para o segundo.

Conforme Basílio, Oliveira & Garrão (2003), encontra-se majoritariamente nos trabalhos voltados para o português a denominação *adjetivo predicativo* (equivalendo ao **qualitativo**) e *denotativo* (equivalendo ao **relacional**).

No que tange às propostas de análise das funções do adjetivo *denotativo*, ora o adjetivo adiciona propriedades ao substantivo, ora restringe-lhe o referente. Esses comportamentos distintos podem ser observados nas propriedades sintáticas do sintagma nominal em que o adjetivo ocorre.

Perini (1978) parte da constatação de que alguns NPs do tipo “Nome + Adjetivo” não podem ser transformados para orações relativas, como em

(14) *Os brasileiros esperam a benção papal.*

(15) * *Os brasileiros esperam a benção que é papal.*

Os adjetivos que compõem tais sintagmas, a que ele chama de *denominais*, com frequência podem ser transformados em sintagmas preposicionais, como em

(16) *Os brasileiros esperam a benção do papa.*

O autor observa que uma análise morfológica dos adjetivos *denominais* revela a predominância da base substantiva, o que, entretanto, não determina as propriedades sintáticas do sintagma. Sua proposta é a de que a ocorrência do adjetivo seja interpretada como **referencial** ou **atributiva**. A distinção fica clara na comparação entre as seguintes ocorrências do adjetivo “presidencial”:

(17) *Na Bolívia, algumas atitudes **presidenciais** foram desfavoráveis à Petrobrás.* (atitudes tomadas pelo presidente)

(18) *Ele vive assumindo atitudes **presidenciais*** (atitudes típicas de um presidente)

Em (17), a interpretação é referencial, pois o adjetivo é usado para fazer referência ao substantivo base; já em (18), a interpretação é atributiva, pois o

adjetivo atribui ao nome núcleo do sintagma as propriedades próprias da classe determinada pelo substantivo base do adjetivo.

Basílio e Gamarski (1999) organizam o quadro das funções dos adjetivos nos sintagmas nominais, de modo a caracterizá-las gramaticalmente. A função de **preenchimento argumental** tem caráter sintático, ou seja, a função de expressar em forma adjetiva o argumento interno ou externo de formas nominalizadas, como em “*ataques estudantis*” (i. e. *ataques de estudantes/estudantes atacam*). A função **denotativa** tem caráter lexical, pois acrescenta uma propriedade semântica às propriedades da expressão nominal a que ele se refere, resultando disso uma conjunção de propriedades que especifica uma nova classe natural, como em *engenheiro florestal*. As autoras ressaltam a relevância da formação de adjetivos denominais denotativos dado o seu caráter fundamentalmente lexical, no sentido de dupla função do léxico: a de representar conceitos e a de fornecer elementos para a construção de enunciados. A função **predicativa** tem caráter proposicional, uma vez que o adjetivo atribui um juízo de valor ao referente denotado pelo nome, como em *indústria ultrapassada*.

Bastos (1980) examina os adjetivos denominais combinados a nominalizações de verbos, observando o papel de complemento do adjetivo. A primeira distinção apontada se dá entre a interpretação classificativa (que classifica a nominalização), a interpretação circunstancial (que determina o substantivo expressando circunstância) e a interpretação qualificativa (que atribui às nominalizações uma qualidade subjetiva. As interpretações classificativa e circunstancial são agrupadas como especificativas. A partir dessa classificação, a autora procura estabelecer critérios para um relacionamento argumental entre a nominalização e o adjetivo denominal. Os adjetivos podem ter uma função subjetiva, se a base substantiva for o sujeito da base verbal da nominalização (“*pensamento freudiano*”). Por outro lado, o adjetivo pode ser objetivo se for o objeto ou alvo (“*reforma tributária*”).

A proposta de Lobato (1993) considera que a denotação é uma relação entre as propriedades semânticas abstratas de uma expressão – sua intensão – e o conjunto de referentes em potencial dessa mesma expressão – sua extensão. As

diferenças entre substantivos comuns e adjetivos são, além das de natureza distribucional sintática, as decorrentes do fato de que, embora ambas as categorias remetam a um conjunto de propriedades semânticas abstratas, somente nos substantivos a intensão pode levar à extensão. Segundo a autora, o adjetivo denotativo acrescenta propriedades semânticas às propriedades denotativas da expressão nominal a que ele se refere, daí a denotação do sintagma se dar como uma conjunção de predicados. Já o adjetivo predicativo atribui propriedades semânticas ao referente denotado pela expressão nominal que ele modifica, resultando em uma leitura proposicional.

Os adjetivos deverbais muitas vezes herdam a estrutura argumental dos verbos derivantes, como discute Gamarski (1996), em especial aqueles da forma *Xnte*, o que pode ser notado nos exemplos apresentados a seguir:

(19) *É aceitável que você não venha a todas as aulas.* (aceita-se)

(20) *É conveniente que você vá à casa de seus vizinhos.* (convém)

Os critérios apresentados nesta subseção como tentativa de se caracterizar a classe dos adjetivos merecem discussão mais aprofundada, principalmente porque esse assunto é pouco tratado nas gramáticas tradicionais. Na seqüência, discutem-se dificuldades quanto ao estabelecimento de fronteiras entre adjetivos e substantivos. Os exemplos arrolados logo no início da próxima seção refletem o tratamento confuso dispensado a essas categorias nos manuais tradicionais. Apresentam-se, ainda, os processos de nominalização do português, com destaque para os casos em que há ambigüidade na classificação dos itens lexicais aqui focalizados.

3.3- Substantivo versus Adjetivo

Não é raro, em muitas línguas, os adjetivos aparecerem em posições próprias das expressões nominais e assumir funções nominais. Em português, formas como *pobre* ou *cego* emergem indiferentemente como adjetivo ou nome:

(21)

- a. Um homem (muito) *pobre* bateu à minha porta.
- b. Os ?(muito) *pobres* moram nas ruas.
- c. Um *(aparentemente) *cego* foi homenageado.
- d. Um soldado (aparentemente) *cego* foi resgatado.

Nos exemplos acima, *pobre* e *cego* são adjetivos em (21.a) e (21.d), pois admitem, respectivamente, grau (muito pobre= paupérrimo) ou modificação adverbial, diferentemente das formas nominais em (21.b, c). Por outro lado, essas formas lexicais admitem modificação adjetival em exemplos como os de (22):

(22)

- a. Os pobres delinqüentes
- b. Conheci um cego muito simpático no banco.

Recapitulando o que se apresentou nas seções iniciais, tem-se que a tradição gramatical (cf. 3.1) nem sempre é clara quanto à caracterização das categorias A e N. Para tratar dos exemplos acima, incluímos aqui Lopes (1971), que atribui a esses itens lexicais a designação genérica de “adjetivos nomes”. O gramático observa que esses casos devem ser entendidos em função da “distinção tradicional entre *nomes substantivos* e *nomes adjetivos*; e entre o substantivo aposto e o adjetivo atributo”, e acrescenta que “certos nomes funcionam oscilantemente, ora como adjetivo, ora como substantivo: ‘pobre’, ‘velho’, designações de nacionalidades, tais como ‘espanhol’, etc.”. (Lopes, *op. cit.*, p.55, grifo da autora). Note-se, contudo, que nem todos os adjetivos manifestam a duplicidade de *pobre* e *cego*. Nos exemplos seguintes, *novo* e *elegante* são claramente adjetivos (23.b,c), ao contrário de *doente*, *velho* e *idoso* (23.a)²⁵:

(23)

- a. Os / doentes / velhos / idosos têm tratamento especial.
- b. Os novos *(clientes) são bem-vindos.
- c. Os *(vestidos) elegantes têm muita procura.

²⁵ A frase (23.b) seria gramatical num contexto em que *novos* se interpretasse como *jovens*.

Além disso, esses "adjetivos nomes" diferem superficialmente dos "verdadeiros" nomes, já que a coordenação entre ambos é, no mínimo, questionável (24.a.c), apesar de não o ser entre si (24.b):

(24)

- a. ? Os pobres e os jogadores
- b. Os pobres e os ricos
- c. ? Os ricos e os professores
- d. Os jogadores e os professores

A agramaticalidade de (23.b) e (23 c), motivada pela ausência dos nomes *clientes* e *vestidos*, assim como as coordenadas (24.a) e (24 b), mostram que os "adjetivos nomes" correspondem na realidade a diferentes (conjuntos de) traços semânticos. O adjetivo *pobre*, em exemplos como (21.a), pode referir, em Português, a dificuldades econômicas ("homem pobre"), mas também a uma situação de inferioridade relativamente a uma norma socialmente determinada ("discurso pobre")²⁶.

No que diz respeito aos processos de nominalização de adjetivos, registram-se na literatura especializada dois tipos. Quando o adjetivo é usado como predicador de uma oração, a nominalização aparece em função de anáfora, como em:

(21) *É possível que chova, mas essa possibilidade é mínima.*

Já a função semântica de denominação da qualidade expressa pelo adjetivo pode ocorrer de duas formas:

(i) referência à qualidade geral, como em:

(22) *Ser honesto é cada vez mais difícil.*

²⁶ Em línguas como o Alemão, a diferença apontada traduz-se pela capitalização da letra inicial, processo gráfico reservado nas línguas germânicas unicamente aos substantivos.

(ii) referência à qualidade como propriedade de alguém, como em:

(23) *João é honesto e sua honestidade é admirável.*

Por outro lado, a formação do adjetivo a partir do substantivo tem como objetivo usar a semântica do substantivo para qualificar ou caracterizar. Na seção a seguir, apresentam-se os casos de formações morfologicamente marcadas, por meio do processo de sufixação. Por ora, serão tratados os casos em que há ambigüidade na classificação de um item lexical.

Basílio (1995a) identifica a diferença entre a conversão e a extensão de propriedades lexicais como fenômenos distintos de flutuação categorial no português. No primeiro caso, um item lexical assume totalmente as propriedades de uma outra classe, passando a constituir-se como membro desta.

(24) *Seu instrumento **musical** favorito é o piano.*

(25) *Fomos assistir a um **musical** espetacular.*

No segundo caso, observa-se que o item lexical adquire determinadas propriedades da outra classe, mas não todas, o que se reflete nas restrições que se impõem ao seu uso. Nos exemplos a seguir, o uso do adjetivo *pobre* como substantivo refere-se a todos os indivíduos caracterizados por ele, ou seja, tem caráter genérico, o que fica claro com a não alteração do sentido com o plural e pela estranheza do emprego no feminino:

(26) *O pobre gosta de luxo.*

(27) *Os pobres gostam de luxo.*

(28) ? *A pobre gosta de luxo.*

Há casos em que o substantivo ocorre em posição adjetiva, como em *custo Brasil*, e em abundantes denominações para cores, tais como *amarelo ovo*, *laranja Califórnia* e *cinza prata*. Conforme destaca Basílio (1995b), nestas ocorrências, os substantivos determinantes não se comportam morfologicamente como adjetivos,

como pode ser observado em custo Brasil - *custos Brasis, não se caracterizando conversão. Existem substantivos que aparecem com frequência nesta função, em posição atributiva potencialmente com relação a um conjunto extenso de substantivos, tais como problema (situação problema), padrão (fonte padrão) e modelo (estudante modelo). Outro caso de fronteira entre substantivos e adjetivos é o conjunto dos agentivos deverbais e denominais: os designadores de profissões, agentes de ação habitual ou os instrumentais, como *encanador*, *embromador* e *refrigerador*, respectivamente. Os agentivos são majoritariamente substantivos, mas boa parte deles pode ocorrer em função adjetiva, atribuindo agentividade ao substantivo especificado, por exemplo em *empresa administradora*. Talvez, por não serem adjetivos plenos, não apareçam em função predicativa, não gozando, portanto, de algumas propriedades dos adjetivos, tais como intensificação e comparação.

Até o momento, foram elencados inúmeros exemplos que atestam a dificuldade em se caracterizar o adjetivo como uma categoria com limites claramente delimitados. Tendo em vista que: (i) este trabalho focaliza o modo *como* a criança identifica no *input* uma dada forma *como* que pertencente a essa categoria no PB, e (ii) os estudos experimentais desenvolvidos no âmbito desta tese buscam investigar possíveis pistas que a criança explora para delimitar adjetivos no material lingüístico que se apresenta a ela como informação de interface fônica (como, por exemplo, pistas de natureza morfológica proveniente de afixos derivacionais) e de interface semântica, descrevem-se a seguir os principais processos de sufixação, dentre os quais aqueles que envolvem afixos semanticamente não-vazios, como -oso e -ento, focalizados neste estudo.

3.4- Morfologia do adjetivo

Tirando o foco da morfologia flexional dos adjetivos (cf. 3.2) que trata da formação de flexões de gênero e número, esta seção aborda a morfologia lexical, que dá conta da formação dos adjetivos derivados, em especial os processos de derivação sufixal, considerando-se os objetivos dos experimentos realizados durante esta pesquisa.

3.4.1 Principais processos de sufixação

Segundo Basílio (2006), existe um número considerável de processos de sufixação que resultam em adjetivos. A partir de uma base substantiva²⁷, o sufixo mais produtivo²⁸ é *-al/-ar*, principalmente por não apresentar restrições de uso quanto às bases. É adicionado a radicais latinos, primitivos ou derivados (com a estrutura *Xção*, *Xmento* e *Xncia*), tais como *central*, *polar*, *educacional*, *parlamentar* e *emergencial*. Menos produtivo, o sufixo *-ário* adiciona-se a bases latinas, a partir de bases presas e formas livres primitivas ou derivadas (com estrutura *Xção*, *Xmento*, *Xncia* e *Xidade*), tais como *monetário*, *inflacionário* e *universitário*. O sufixo *-ico* é mais associado a radicais gregos e liga-se, com frequência, a bases presas, como em *tecnológico* (Basílio, *op. cit.*, p.55).

Entre os sufixos com conteúdo semântico, encontram-se aqueles com o significado “provido de”. O sufixo *-oso* adiciona-se a radicais latinos, primitivos ou derivados (com a estrutura *Xmento*, *Xncia* e *Xidade*), como em *espaçoso*, *rochoso*, *medicamentoso*, *substancioso* e *caridoso* (*id. Ibid.*, p.54). Para Monteiro (1991: 160), o afixo *-oso* denota *intensidade* – como em *glorioso*.

Por outro lado, é importante destacar que, em exemplos como *pavoroso*, *horroroso*, *perigoso*, *escandaloso*, *apetitoso*, *vistoso*, *belicoso*, esse sufixo é *agentivo*, sendo veiculadas as noções: “que produz..., desperta..., atrai..., provoca...”. Note-se, ainda, que adjetivos como *respeitoso*, *afetuoso*, *bondoso*, *charmoso*, *espirituoso*, *generoso*, *cuidadoso*, *amoroso*, *religioso*, *ansioso*, *nervoso*, *preguiçoso*, *carinhoso* podem apresentar uma especificação semântica associada ao *comportamento* ou à *atitude* do referente do DP.

Importante ressaltar que nos dois últimos casos, o afixo *-oso* é portador de um valor avaliativo: *gostoso* não significa apenas “provido de *gosto*”, mas de

²⁷ O termo *substantivo* foi mantido nesta subseção, por ter sido empregado pela autora, embora, neste trabalho, *nome* seja usado em lugar de *substantivo* (cf. nota 2, cap. 1).

²⁸ Entende-se que o fator relevante na *produtividade* dos sufixos seja a generalidade das noções envolvidas na função do processo de formação. Processos a partir dos quais se estabeleçam noções como a designação de indivíduos ou entidades abstratas são bastante comuns e de grande generalidade (cf. Basílio, 2004:29). Espera-se, portanto, que os sufixos que participem de processos que incluam tais noções sejam altamente produtivos.

“*gosto bom*”, assim como *cheiroso* não indica apenas que o nome modificado pelo adjetivo seja “provido de cheiro”, mas de “*cheiro bom*”.

O sufixo -udo traz a idéia de “exageradamente provido de”, numa referência a partes do corpo, como em *barrigudo*, *narigudo* e *beçudo*. Já o afixo derivacional -ento pode veicular tanto a idéia de *pejoratividade* – como em *sarnento*, *grudento*, *gordurento* (cf. Basílio, 2006: 30; 2004:87) – quanto a de *intensidade*, *aspecto* – como em *barrento*, *cinzento* e *corpulento* (este último com alomorfe -lento, cf. Monteiro, 1991: 155). No entanto, a exemplo do que se discutiu acima para os adjetivos denominais com sufixo -oso, também pode ser atribuído caráter *agentivo* a adjetivos com o sufixo -ento: *nojento* (que provoca nojo), *barulhento* (que produz barulho), *briguento* (que se envolve em brigas), *violento* (que age com violência), *rabugento* (que implica com... ou reclama de tudo). Adjetivos como *marrento* (aquele que se comporta com ousadia) e *pachorrento* (indivíduo que demonstra calma excessiva) referem-se à atitude do referente. Ao adjetivo *fedorento* pode ser associada idéia de “provido de” (noção que, segundo a literatura, está associada apenas ao sufixo -oso), sendo que, nesse exemplo, o afixo -ento possui valor avaliativo, não significando apenas “provido de *cheiro*”, mas de “*cheiro ruim*”.

Retomando Basílio (2006: 54), os exemplos acima elencados de adjetivos com sufixo -ento ilustram o fato de que a esses processos de derivação conjuga-se um valor expressivo veiculado pelos próprios elementos formadores. Para a autora, o sufixo -ento (e também -ice, -agem, -udo) adicionam a noção de pejoratividade à mudança de classe. Contudo, exemplos como *pegajoso* (com alomorfe -joso) ou aqueles em que há duplicidade de formas, como em *gordurento/gorduroso*, *sebento/seboso*, *briguento/brigoso* atestam a possibilidade de se estender ao sufixo -oso a mesma noção²⁹.

Outro grupo de sufixos semanticamente não-vazios é o de formadores de adjetivos pátrios ou denominadores de origem. Pertencem a este grupo os sufixos -ense, -ês e -ano, bastante produtivos a partir de nomes próprios de países,

²⁹ Ver resultados dos experimentos 3 e 4 (capítulo 7) para discussão acerca da interpretação que falantes do PB fazem dos sufixos -oso/-ento em pseudo-adjetivos.

idades, etc., tais como *cearense*, *japonês* e *baiano*. Este último também pode indicar autoria, como em *machadiano*, e portadores de signos do zodíaco, como *capricorniano*. (Basílio, 2006: 55).

Entre os processos majoritários de formação de adjetivos a partir de verbos, temos a formação V-do a partir de verbos transitivos, como *cumprido*, ou intransitivos, como *nascido*. Em muitos casos, as formações V-do são controversas, pois pode se tratar de flexões verbais do particípio ou conversões de verbos para adjetivos³⁰. Outras formações incluem a sufixação por -nte, -tivo, -tório e -dor, como *andante*, *dissertativo*, *acusatório* e *revelador*, com variadas interpretações semânticas dependentes do verbo (*id. ibid.*, p. 57).

As formações com o sufixo -vel indicam a qualidade de “afetado potencial pela ação verbal ou caracterizado pelo potencial do verbo”, como *flexível*, *inflamável* e *variável*. Alguns exemplos de base substantiva, como *razoável*, *saudável* e *miserável* apresentam grande irregularidade semântica (*id. ibid.*, p. 58).

Finalmente, há a formação de adjetivos a partir de adjetivos e substantivos aos quais se adicionaram sufixos de aumentativo, diminutivo e superlativo. Muitas vezes, estes processos possuem caráter expressivo muito mais que denotativo³¹, como em *cansado*, *espertinho* e *chatérrimo*. (Basílio, 2004: 84-86). Vale lembrar que o sufixo -oso, embora participe de um processo de formação de adjetivos denominais, também aparece combinado a adjetivos, como em *feioso* e *bondoso* (com alomorfe -doso).

Nas seções anteriores, privilegiou-se o tratamento dado ao *adjetivo* na tradição gramatical e em pesquisas recentes desenvolvidas no âmbito da morfologia. Na seqüência, apresenta-se uma retrospectiva acerca da teoria

³⁰ Para um estudo detalhado acerca das formas participiais nos adjetivos, ver Medeiros (2008).

³¹ Considera-se que adjetivos com função *denotativa* acrescentam uma propriedade semântica às propriedades do substantivo referido, de tal modo que “o conjunto substantivo + adjetivo passa a ser um novo designador”, a exemplo do que ocorre em *indústria cultural*. Já os adjetivos com função *atributiva* conferem qualidades/propriedades a substantivos, como em *indústria avançada*, em que o adjetivo atribui um juízo de valor a alguma indústria em particular ou à atividade industrial em geral. A essa distinção semântica entre função denotativa e atributiva correspondem aspectos sintáticos: no primeiro caso, o adjetivo *cultural* não pode sofrer intensificação (**indústria muito cultural*, ou ainda, **indústria culturalíssima*); diferentemente do segundo caso (*indústria muito avançada*; *indústria avançadíssima*) (Basílio, 2006: 53).

lingüística gerativista na vertente chomskyana, a partir de um levantamento de estudos realizados nos últimos trinta anos, delineando-se um percurso de investigação que envolve as categorias N(ome) e A(djetivo). As implicações decorrentes da caracterização do adjetivo como uma categoria duplamente marcada ([+N,+V]) são apresentadas na seqüência, tomando-se como referência a sua realização em várias línguas no mundo. Procura-se, ainda, demonstrar o caráter peculiar dessa categoria lexical, cuja morfologia é variável, apresentando-se como forma livre ou presa.

3.5- O adjetivo na teoria lingüística formal

3.5.1- Categorias lexicais como conjunto de traços

Fornecer critérios formais para delimitar explicitamente as “partes do discurso”, de forma a demarcar-se definitivamente dos modelos clássicos, foi uma das prioridades da gramática gerativa no seu estado inicial, nomeadamente a partir do momento em que a questão lexical foi abordada em Chomsky (1965). As questões essenciais eram basicamente duas: (i) qual o leque de categorias (lexicais) disponíveis para a teoria lingüística; (ii) como se associam essas categorias com as estruturas sintáticas em que se manifestam. A proposta dominante acabou por ser a que define categorias lexicais com base num conjunto universal de traços primitivos.

A literatura gerativista baseia-se principalmente em análises em que as diferenças entre categorias decorrem de combinações de traços básicos³². Segundo as propostas de Chomsky (1970,1981), as categorias lexicais podem ser diferenciadas com base em dois traços binários: [\pm Verbal] e [\pm Nominal]. Fukui (1986) — seguido de Abney (1987) — amplia as propostas anteriores, acrescentando aos dois traços binários de Chomsky o traço [\pm Funcional], de forma a incluir as categorias funcionais no mecanismo descritivo. Esta

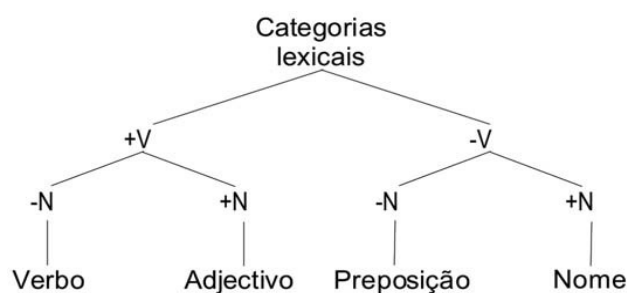
³² Trata-se de uma idéia parcialmente inspirada na teoria fonológica difundida no início do século passado(cf. Troubetzkoy), segundo a qual os segmentos fonológicos se decompõem em traços distintivos marcados negativa ou positivamente. Para mais informações a respeito, ver Fontaine (1978).

classificação permitiu, assim, atribuir identidade tanto às categorias lexicais quanto às funcionais. Resumindo:

Traços	Categorias descritas	Autor
[± N]	Lexicais	Chomsky (1970)
[± V]		
[± N]	Lexicais	Fukui (1986)
[± V]	e	
[± Funcional]	Funcionais	

De acordo com o modelo de Chomsky, os valores binários dos dois traços básicos permitem definir quatro categorias³³:

(1) Chomsky (1970)

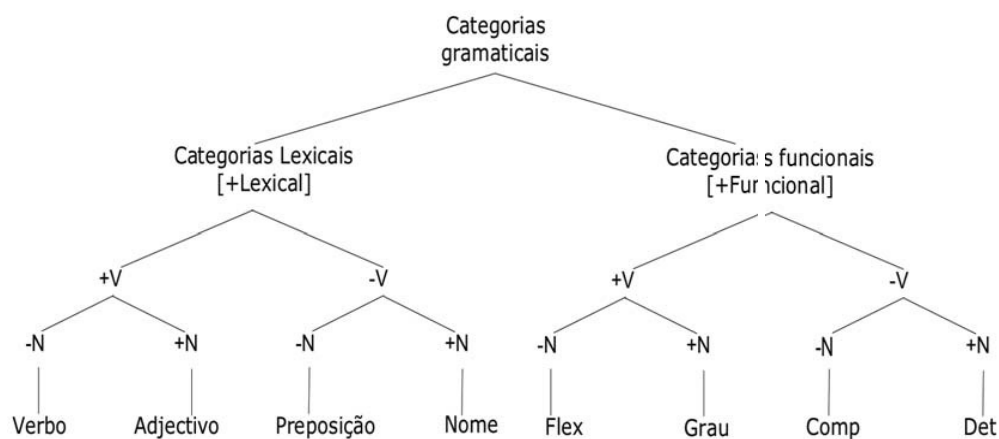


Esse conjunto de itens pode ser descrito em termos de pares de traços em interseção. (N)ome, por exemplo, corresponde ao conjunto {[+N] [-V]}. A idéia subjacente é a de que, em nível lexical, a linguagem está organizada com base

³³ O modelo original de Chomsky (1970) não contemplava a categoria P. Jackendoff (1977) sugeriu a integração da preposição no modelo de Chomsky como quarta categoria lexical.

numa dicotomia fundamental entre elementos lexicais “nominais” e “verbais”. Qualquer item lexical projetado numa categoria lexical manifesta alguma informação acerca do seu estatuto nominal ou verbal. O cruzamento desses dois traços fundamentais produz, pela sua interação, as categorias lexicais existentes. Com a incorporação do traço $[\pm\text{Funcional}]$ no modelo de Fukui, as categorias gramaticais passam a se subdividir da seguinte forma:

(2) Fukui (1986)



Estendendo o modelo anterior às categorias funcionais, estas de igual modo se encaixam globalmente na oposição nominal/verbal. Assim, se (D)eterminante é claramente “nominal” e (Flex)ão é “verbal”, Grau (Deg) e D têm visivelmente afinidades categoriais com (A)djetivo e (N)ome, respectivamente. As categorias lexicais, que incluem Nomes, Verbos, Adjetivos integram construções predicado-argumento. As categorias funcionais, como D, C, I não são marcadores temáticos, mas têm traços categoriais e morfológicos. As categorias lexicais desempenham um papel essencial na interpretação das expressões lingüísticas que integram os enunciados, ao passo que as categorias funcionais se limitam aos aspectos estritamente formais e gramaticais da estrutura lingüística dos enunciados.

Sendo assim, existe uma divisão entre os dois tipos, que se pode resumir da seguinte forma:

(3)

(i) Categorias lexicais: aspectos conceptuais das expressões lingüísticas

(ii) Categorias funcionais: aspectos computacionais das expressões lingüísticas.

Depreende-se, a partir dessa concepção inicial, que na gramática gerativa, o (A)djetivo mantém com o (N)ome uma proximidade relativa, já que ambos partilham, neste modelo, o traço [+N]. A concepção chomskyana do adjetivo é, pois, nesta fase, clássica. O adjetivo é um (tipo de) nome. Entretanto, a convergência categorial entre N e A atestada pela marcação positiva do valor do traço [+N] pode ser questionada, tendo em vista línguas como o Coreano, em que a categoria A apresenta afinidade para com categorias [+V]³⁴.

Outro ponto que merece atenção diz respeito ao sistema de traços binários: é difícil relacionar diretamente as categorias A e P — que não partilham nenhum valor dos dois traços básicos —, quando se sabe que essas categorias são, em algumas línguas, próximas ou equivalentes. Em Inglês, por exemplo, itens como *near* são por um lado preposições (*near the car*) e, por outro, adjetivos (*he is near*). Vale notar que as formas flexionadas *nearer* e *nearest* atestam a natureza adjetival de P.

Na próxima seção, traça-se um panorama acerca da realização do *adjetivo* em várias línguas no mundo, seja como classe aberta, seja como classe fechada. Apresentam-se exemplos de adjetivos em línguas nas quais essa categoria se aproxima do nome, e em outras em que ela se afina com o verbo.

3.6- O adjetivo e sua realização nas línguas

Conforme introduzido neste capítulo, o grupo dos adjetivos agrega a maior parte das palavras que indicam atributos ou qualidades, podendo funcionar como *modificadores* do nome ou como *predicados*.

³⁴ Tal discussão será mais bem desenvolvida na seção 3.6 deste capítulo, em se apresentam exemplos em coreano e japonês.

Segundo Comrie (1989), a categoria N(ome) se apresenta nas diferentes línguas, caracterizando-se como um universal lingüístico. Quanto à categoria A(djetivo), há controvérsias sobre sua presença em todas as línguas naturais. Vários estudos atestam a existência de línguas sem adjetivos, em que propriedades de entidades/eventos seriam veiculadas por outras categorias lexicais. Em contrapartida, para Baker (2003), A é uma categoria presente em todas as línguas naturais estudadas. A partir de uma série de argumentos de natureza morfossintática³⁵, o autor defende a idéia de que A é uma categoria *default*, distinta de N e de V. Com respeito à ordem no DP, há duas ordens possíveis: NA (Adjetivo posposto ao Nome) e AN (Adjetivo anteposto ao Nome). Tipologicamente, as línguas seriam divididas em dois grupos, cada um com predominância de uma ou outra ordem. Comrie (*op. cit.*) ressalta que línguas com predominância NA são mais flexíveis, pois admitem também NA (como o português, por ex.).

De acordo com Rosa (2000), diferentemente do que ocorre em português e nas demais línguas românicas (como o francês, espanhol) e germânicas (como o inglês, alemão), há línguas em que os adjetivos constituem uma classe fechada, composta por um conjunto que varia de menos de dez (a exemplo do que ocorre em igbo³⁶) a cerca de um pouco mais de cinquenta adjetivos (como nas línguas bantas). Nessas línguas, estes se dividem preferencialmente por quatro tipos semânticos, indicando *dimensão* (grande/pequeno), *cor* (preto/branco), *idade* (novo/velho) *avaliação* (bom/mau), sendo menos provável, nesse caso, a ocorrência de adjetivos que indiquem *posição* (alto/baixo), *propriedades físicas* (duro/macio), *propensões humanas* (gentil/cruel) ou *velocidade* (lento/rápido). Reproduz-se abaixo, para efeito de ilustração, a lista completa de adjetivos do igbo³⁷:

³⁵ O autor considera que, em certos estudos, a dificuldade em se defender a existência da categoria A na língua deve-se à própria caracterização das categorias lexicais na teoria lingüística, pois o sistema de traços que define essas categorias não estaria bem integrado ao *framework* gerativista. Os traços categoriais e seus valores pouco ou nada interagiriam com princípios ou com o modo de funcionamento do sistema como um todo, tais como apresentados atualmente, segundo Baker. Para ele, “*it [the adjective] appears in a nonnatural class of environments where neither a noun or a verb would do, including the attributive modification position, the complement of a degree head, resultative secondary predicate position, and adverbial positions*” (p. 21).

³⁶ Igbo – língua falada no SE da Nigéria.

³⁷ Os exemplos são de Rosa (2000).

- (1) *ukwu / nta* (grande/pequeno) → *dimensão*
ohuru / oye (novo/velho) → *idade*
ojii / oca (preto, escuro/ branco, luminoso) → *cor*
oma / ojojo (bom/mau) → *avaliação*

Algumas línguas em que os adjetivos não constituem uma classe (como o haússa³⁸), a noção de *atributo*, por exemplo, pode ser expressa por meio de uma construção de posse (que utiliza as formas *mài* e *màasú* – possuidor (sing.) e possuidor (pl.)), associada a um substantivo abstrato. No caso do atributo *inteligente*, a construção seria a seguinte³⁹:

- (2) *mutum* *mài* *hankali*
 pessoa *tendo* *inteligência*

Em chinês, há casos em que a distinção *verbo/adjetivo* não é clara. Um adjetivo (ex. (3a)) e um verbo (ex. (3b)) ocorrem com a mesma partícula “*de*” que acompanha o *nome*⁴⁰:

- (3) a. *Kāixīn* *-de* *rén*
 feliz NOMINALIZAÇÃO pessoa
 “pessoas que são felizes”
- b. *chi* *ròu* *de* *rén*
 comer carne NOMINALIZAÇÃO pessoa
 “pessoas que comem carne”

³⁸ *Haússa* – língua afro-asiática falada na Nigéria, principalmente.

³⁹ Os exemplos são de Rosa (2000).

⁴⁰ *Idem*.

Segundo Borges Neto (1991), em russo, a distinção entre “extensionalidade e intensionalidade”⁴¹ manifesta-se nos adjetivos por meio da inserção de um afixo (-*ja*) ao final da palavra:

(4) a. *Studentka umna*

(a estudante (é) inteligente) → forma curta

b. *Studentka umnaja*

(a estudante (é) inteligente) → forma longa

Em (4a.), a forma “*umna*” corresponde à interpretação de que a pessoa designada pelo sintagma “a estudante” (i.e., sua extensão) é inteligente, ao passo que, em (4b.), a forma “*umnaja*” remete à compreensão de que a pessoa é inteligente enquanto estudante (i.e., sua intensão).

No que diz respeito à análise de se considerar o adjetivo uma categoria [+N, +V] (cf 3.5), vários autores notaram que, em algumas línguas, a categoria A se comporta ora como um N ora como um V. Em seu trabalho de 1987, Abney reconhece duas categorias de adjetivos, sendo a primeira essencialmente nominal, e a segunda, verbal.

Os dados relevantes para Abney provêm, por um lado, do Alemão e do Russo e, por outro, do Chinês, Japonês e Coreano. Assim, a análise dos adjetivos em Alemão revela o fato bem conhecido de os mesmos receberem morfemas casuais (cf. 5) e de, em Russo, poderem ser flexionados, entre outros, com morfemas de aspecto (cf. 6):

⁴¹ Borges Neto (1991), ao apresentar uma caracterização do comportamento dos adjetivos em português, numa perspectiva semântica, toma como suporte empírico para sua classificação a gramaticalização da distinção “extensionalidade / intensionalidade” nos adjetivos em russo, os quais apresentam uma forma curta e outra longa. Segundo o autor, “a *extensão* de uma expressão é a classe que corresponde a ela, enquanto a *intensão* de uma expressão é a propriedade que lhe corresponde” (Borges Neto, *op.cit.*: 43).

(5) adjetivos ‘gut’ (bom) e ‘hübach’ (bonito)

(Alemão)

	Singular (“bom café”)	Plural (“bonitos presentes”)
Nominativo	guter Kaffee	hübache Geschenke
Gentivo	gute Kaffee	hübacher Geschenke
Dativo	gutem Kaffee	hübachen Geschenke
Acusativo	guten Kaffee	hübache Geschenke

(6) Ivan acitæet Masu krasivoj (Russo)

Ivan-NOM considera Masha-AC bonita-INST ⁴²

“Ivan considera Masha bonita”

A partir dos exemplos acima, relativos a línguas com flexões casuais, nota-se que a categoria adjetival pode receber caso⁴³. Ora, sendo a flexão casual uma propriedade típica de N⁴⁴, pode-se considerar que as línguas supracitadas evidenciam uma categoria A com características nominais. A questão reside em saber se a atribuição de caso a adjetivos pode resultar de fenômenos de concordância no interior do DP. O outro tipo de adjetivo — o de natureza verbal — inicialmente apontado por Abney (1987), encontra-se essencialmente em variedades do grupo sino-japonês. Em línguas como o Chinês e o Japonês, os adjetivos manifestam flexões temporais/aspectuais, tal como os verbos⁴⁵:

⁴² NOM=Nominativo; AC= acusativo; INST= Instrumental.

⁴³ Raposo (1999:173) esclarece que, em línguas como sânscrito, latim, russo, etc., Caso se manifesta morfológicamente, ao passo que em outras tem pouca realização visível (como em inglês, francês, por exemplo) ou mesmo nenhuma (como em chinês). Importante esclarecer que *caso morfológico* não deve ser confundido com *Caso abstrato* da teoria gerativista, segundo a qual, abstraído a morfologia, todas as línguas são semelhantes, por ser necessário dar aos DPs visibilidade para que possam ter sua interpretação θ garantida (papel de *agente*, *tema*, *instrumento*, dentre outros).

⁴⁴ Segundo Stowell (1991), só uma categoria com o traço [+N] pode receber Caso, assim como só [-N] pode atribuir Caso.

⁴⁵ Li & Thompson (1981: 142, 190)

(7) a. Ta jintian mai **le** hen duo shu (Chinês)
 Ele hoje compra-ASP⁴⁶ muito vários livro
 “Ele/ela hoje comprou muitos livros”

b. Jiu-ping kong **le**
 garrafa-de-vinho vazio-ASP
 “A garrafa de vinho ficou vazia”

(8) a. Bill-ga piano-o hii-**ta** (Japonês)
 Bill-NOM piano-AC tocar-PRET⁴⁷
 “Bill tocou piano”

b. Mary-wa se-ga takakat-**ta**
 Mary-TOP altura-NOM alto-PRET
 “Mary era alta” (literal: *a altura da Mary era alta*)

Assim, em (7a/b), tanto o verbo *mai* (“comprar”) como o adjetivo *kong* (“vazio”) são flexionados com o morfema aspectual *le*. Em (8a/b), da mesma forma que o verbo *hii* (“tocar”) manifesta uma flexão temporal *ta* (pretérito), também o adjetivo *takakat* (“alto”) recebe esse morfema.

Se considerarmos que nas línguas ocidentais — Românicas e Germânicas — a única categoria que flexiona em Tempo é V e que outras categorias — nomeadamente A — requerem, pelo menos, um verbo copulativo para receberem uma ancoragem temporal, conclui-se que as categorias A e V têm, em Chinês e Japonês, um comportamento próximo, na medida em que ambas flexionam em Tempo, sem restrições aparentes. Nessas condições, muitos pesquisadores (ver McCawley, 1992 para referências) acabam por considerar que não existe nenhuma categoria adjetival nessas línguas, sendo A um mero subconjunto de V.

⁴⁶ ASP = Aspecto

⁴⁷ NOM= Nominativo; TOP= Tópico; PRET= Pretérito

O adjetivo em Coreano é um caso exemplar de indefinição ou contradição categorial: Sohn (2005) afirma que, ao contrário de toda a tradição gramatical coreana, os adjetivos não são categorias adjetivais, mas verbais. Assim, os adjetivos, por serem verbos, são tipicamente incompatíveis com verbos copulativos (9), exibem morfemas de tempo, aspecto e modo (10), e não admitem construção atributiva, fundamental para apurar a natureza adjetival de um modificador. Além disso, para integrar o DP como modificadores nominais, precisam ser inseridos numa oração relativa – via um marcador relativo *n* (11)⁴⁸:

(9) a. *ce yeca-ka yeppu-i-**ta**
 (Coreano)
 aquela mulher-NOM bonita-COP-DCL⁴⁹
 “Aquela mulher é bonita”

b. ce yeca-ka yeppu-**ta**
 aquela mulher-NOM bonita-DCL
 “Aquela mulher é bonita”

(10) Mali-nun han ttay ttokttokha-ess-ess-**ta**
 Mary-TOP uma vez esperto-PERF-PRES-DCL⁵⁰
 “Mary costumava ser esperta”

(11) yeppu-**n** yeca
 bonita-REL⁵¹ mulher
 “Uma mulher (que é) bonita”

Entretanto, mesmo em posição atributiva, o adjetivo modificador pode ainda receber morfemas de tempo e aspecto:

⁴⁸ Sohn (2005) defende que todos os adjetivos atributivos são, na realidade, em Coreano, predicados inseridos em orações relativas.

⁴⁹ COP= Cópula; DCL= Frase declarativa.

⁵⁰ PERF= Aspecto Perfectivo; PRES= Presente.

⁵¹ REL= morfema de oração relativa.

(12)	ce	yeppu-ess-ess-ten	yeca
	aquela	bonita-PERF-PRES-REL ⁵²	mulher
	“Aquela mulher (que era) bonita”		

Os exemplos apresentados revelam, pois, que os adjetivos se apresentam de forma bastante diversificada nas línguas. No caso do Coreano, Sohn (2005) propõe que se trata, na realidade, de verbos estativos — exibem tempo e denotam estados — o que explicaria o fato de, nas gramáticas tradicionais dessa língua, não haver qualquer referência a verbos estativos, devido ao erro histórico de tê-los confundido com adjetivos. Em Chinês e Japonês, pode-se, do mesmo modo, considerar A como uma categoria essencialmente “verbal”.

Os casos arrolados apontam para o fato de que a informação conceptual expressa por adjetivos pode se realizar por meio de diferentes formas nas diferentes línguas, confirmando-se a natureza particular de A como categoria que exhibe propriedades mistas. Do ponto de vista da aquisição, no que concerne ao adjetivo nas diferentes línguas, em que este se constitui como categoria lexical ou elemento de classe fechada, a criança terá como tarefa explorar informação lingüisticamente relevante, passível de ser extraída dos dados da fala à sua volta, para identificar elementos do léxico correspondentes a adjetivos⁵³.

Dando prosseguimento à apresentação da tese, reportam-se, a seguir, resultados da pesquisa psicolingüística sobre a aquisição de adjetivos em línguas nas quais essa categoria lexical se caracteriza como classe aberta. Discute-se o tipo de informação de interface que a criança leva em conta para a delimitação da categoria *adjetivo*, distinguindo-o do nome. Grande parte dos estudos aqui tomados como referência tratam da aquisição no inglês. Como já se mencionou na introdução desta tese, pesquisas a esse respeito, em português, são ainda incipientes.

⁵² Apenas para ilustrar, esse tipo de construção do coreano equivaleria, em português, a sentenças como: (i) * A minha mãe *bonita-va* quando se casou (era bonita); (ii) * A Joana, quando era pequena, *esperta-va* muito (era muito esperta); (iii) * O copo *vazi-ou* em dois segundos (ficou vazio). O que não quer dizer que não haja verbos derivados de adjetivos, como *esvaziar*.

⁵³ No período dedicado à revisão da literatura para a realização desta pesquisa, foi feito um levantamento acerca de estudos experimentais sobre a aquisição de adjetivos em línguas nas quais essa categoria se afina com o verbo ou naquelas em que não se constitui como elemento de classe aberta. Esse levantamento inicial não resultou profícuo.